

# Teste de Nivelamento 2017-1

## Português Língua Adicional

### Parte escrita: caderno de questões

O teste consiste na realização de 2 tarefas de produção escrita que serão elaboradas a partir da compreensão de 2 textos.

Você terá 4h para realização da prova.

As produções textuais deverão ser redigidas com caneta preta ou azul.

Não é permitida a cópia de trechos dos textos-base.

Coloque o número de inscrição nas folhas de resposta. O número de inscrição se refere ao processo de nivelamento e pode ser verificado na lista de chamada que você irá assinar.

Boa prova!

Nome: \_\_\_\_\_

Número de inscrição: \_\_\_\_\_

## Tarefa 1

**Em uma das disciplinas de Português Adicional na UNILA, você foi convocado à tarefa de escrever um resumo do texto “Língua estrangeira e autoestima” (Rajagopalan, 2003).**

**Em seu texto, você deverá apresentar as ideias centrais e periféricas defendidas pelo autor sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.**

**ATENÇÃO:** Você deve escrever com suas próprias palavras. Citações são permitidas, mas não serão aceitas cópias expressas de trechos do texto-base.

## Texto 1

### Língua estrangeira e autoestima

No contexto do ensino de língua estrangeira, uma das perguntas quase nunca feitas é: “Por que é que os alunos querem aprender uma língua estrangeira?” Não é difícil adivinhar o porquê do tamanho descaso e desinteresse em saber algo que com certeza deveria nortear a elaboração de currículos e conteúdos curriculares (...) O simples fato é que, com raríssimas exceções, sempre se pensou que só pode haver um único motivo para alguém querer aprender uma língua estrangeira: o acesso a um mundo melhor. As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem subir na vida. A língua estrangeira sempre representou prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é admirado como pessoa culta e distinta. Tanto isso é verdade, que a palavra “estrangeira” é comumente reservada para qualificar uma outra língua que conta com mais respeitabilidade que a língua materna de quem fala – por mais incrível que isso pareça à primeira vista! A maior prova disso é que, quando a língua é considerada de menor prestígio, é quase sempre qualificada como “exótica” ou até mesmo como um “dialeto”, e não como uma “língua” propriamente dita. (...) Trata-se, não de uma diferença objetiva, mas de uma diferença dependente de uma escala de valores, (...) de uma distinção com fortes conotações ideológicas. Como vêm chamando nossa atenção autores como Phillipson (1992) e Pennycook (1994, 1998), o ensino de línguas estrangeiras sempre teve uma dimensão fortemente colonialista. (...)

Sempre se fixou uma meta para os esforços didáticos nada mais nada menos que a aquisição de uma competência perfeita, entendendo-se por competência perfeita o domínio que o falante nativo supostamente possui da sua língua. (...) Havia também um corolário da premissa inicial – não explicitado como tal, mas sempre tomado como um pressuposto no campo do ensino de línguas: nenhum falante não nativo jamais pode sonhar em adquirir um domínio perfeito do idioma. Isso naturalmente levou à consequência de que o ensino de língua estrangeira fosse, durante muito tempo, considerado um empreendimento com um objetivo inatingível - não só na prática, como também em princípio. (...)

Não é de se estranhar que o ensino de línguas estrangeiras ainda leve muitos alunos a se sentirem envergonhados da sua própria condição linguística. Pois o lado mais nocivo e macabro da ideologia que norteou, durante muito tempo, os programas de ensino de língua estrangeira é que, como resultado direto de determinadas práticas e posturas adotadas em sala de aula, os alunos menos precavidos se sentiam diminuídos em sua autoestima, passando a experimentar um complexo de inferioridade. A língua estrangeira e a cultura que a sustenta sempre foram apresentadas como superiores às dos discentes.

Felizmente, há sinais de que a situação está começando a sofrer mudanças significativas. Em grande parte, essas mudanças – sem dúvida, ainda tímidas – têm a ver com a percepção de que as línguas naturais não são estanques, mas, pelo contrário, suscetíveis a toda sorte de influência externa. Num mundo globalizado

como o de hoje, as línguas estão sofrendo influências mútuas numa escala sem precedentes. As chamadas “línguas francas” do mundo moderno já não são mais línguas cujas trajetórias históricas permaneceram contínuas e sem influências externas ao longo do tempo. São todas elas formas de comunicação que tiveram sua origem no contato efetivo entre povos, processo que continua com maior força nos dias de hoje em razão do encurtamento de tempo e espaço que é a marca registrada do momento histórico em que vivemos. Os chamados “portunhol”, “franglais”, “spanglish” são exemplos concretos da realidade linguística do mundo de hoje. São línguas mistas em contante processo de evolução (...)

A existência das línguas mistas nos dias de hoje corresponde à miscigenação crescente entre povos e culturas no mundo inteiro. (...) Vivemos, na verdade, uma época em que a questão da identidade já não pode ser mais considerada como algo pacífico. As identidades estão cada vez mais sendo percebidas como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante. (...)

Uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas. É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de ‘ensino-aprendizagem’ de uma língua ‘estrangeira’ como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa.

Num mundo que serve de palco para o contato, o intercâmbio sem precedentes entre povos, o multilinguismo adquire novas conotações. O cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilíngue. (...) Falar de competência comunicativa em situações de multilinguismo implica rever a própria noção de competência comunicativa. (...) Significa, antes de mais nada, que o verdadeiro propósito do ensino de línguas é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo.

As atividades de línguas de ensino e aprendizagem de línguas ‘estrangeiras’ fazem parte de um processo muito mais amplo que podemos chamar de redefinição cultural. Nesse processo, não faz o menor sentido falar em termos de perdas e ganhos. Nós simplesmente nos transformamos em outra pessoa. Afinal, é na linguagem e através dela que as nossas personalidades são constantemente submetidas a um processo de reformulação. (...)

O importante em todo esse processo é jamais abrir mão do nosso direito e dever no que tange à nossa ‘autoestima’. É preciso dominar a língua estrangeira, fazer com que ela se torne parte da nossa própria personalidade; e jamais permitir que ela nos domine.

In: RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por um linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética, Parábola*, 2003.

## Tarefa 2

Como aluno de uma das disciplinas de Português Adicional Intermediário da UNILA, você foi solicitado a escrever uma resenha crítica, tendo por base as ideias apresentadas nos textos “Língua estrangeira e autoestima” (Rajagopalan, 2003) e “Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística” (Oliveira, 2009). Em seu texto, você deverá:

- Avaliar de que modo, no contexto brasileiro, “o processo de ‘ensino-aprendizagem’ de uma língua ‘estrangeira’ como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades” (tal como defendido pelo autor do Texto 1) pode ser afetado pela “política de monolinguismo”, apresentada pelo autor no Texto 2.

- Articular ideias e/ou informações presentes nos dois textos para construir sua avaliação.

ATENÇÃO: Você deve escrever com suas próprias palavras. Citações são permitidas, mas não serão aceitas cópias expressas de trechos do texto-base.

## Texto 2

### Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística

**Resumo:** Ao plurilinguismo, o Estado brasileiro opõe uma política de monolinguismo que exclui, com exceção do Português, aproximadamente 215 línguas brasileiras de suas instituições e do ensino. Esta contribuição procura não apenas realocar as modalidades e a lógica do trabalho de exclusão dessas línguas, mas também de seus locutores e das culturas que exprimem.

**Palavras-chave:** monolinguismo – plurilinguismo – transgressão de língua

A concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a língua portuguesa. Ser brasileiro e falar o português (do Brasil) são, nessa concepção, sinônimos. Trata-se de preconceito, de desconhecimento da realidade ou, antes, de um projeto político - intencional, portanto - de construir um país monolíngue? (...)

Em algum nível todos esses fatos andam juntos. Não é por casualidade que se conhecem algumas coisas e se desconhecem outras: conhecimento e desconhecimento são produzidos ativamente, a partir de óticas ideológicas determinadas, construídas historicamente. No nosso caso, produziu-se o “conhecimento” de que no Brasil se fala o português, e o “desconhecimento” de que muitas outras línguas foram e são igualmente faladas. O fato de que as pessoas aceitem, sem discutir, como se fosse um fato natural, que o português é a língua do Brasil foi e é fundamental, para obter consenso das majorias para as políticas de repressão às outras línguas, hoje minoritárias.

Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 215 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*). Some-se a estas ainda as línguas de sinais, com destaque para LIBRAS, língua brasileira de sinais, e para línguas afro-brasileiras ainda usadas nos quase mil quilombos oficialmente reconhecidos no Brasil. Somos, portanto, um país de muitas línguas, plurilíngue.

Se olharmos para nosso passado constatamos que fomos, durante a maior parte da nossa história, ainda muito mais do que hoje, um território plurilíngue: quando aqui aportaram os portugueses, há 500 anos, falavam-se no país, segundo estimativas de Rodrigues (1993: 23), cerca de 1.078 línguas indígenas, situação de plurilinguismo semelhante a que ocorre hoje nas Filipinas (com 160 línguas), no México (com 241), na Índia (com 391) ou, ainda, na Indonésia (com 663 línguas).

O Estado Português e, depois da independência, o Estado Brasileiro, tiveram por política, durante quase toda a história, impor o português como a única língua legítima, considerando-a “companheira do Império” (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536). A política linguística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de *deslocamento linguístico*, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa. A história linguística do Brasil poderia ser contada pela sequência de políticas linguísticas homogeneizadoras e repressivas e pelos

resultados que alcançaram: somente na primeira metade do século XX, segundo Darcy Ribeiro, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil - mais de uma por ano, portanto (Rodrigues, 1993:23). Das 1.078 línguas faladas no ano de 1500 ficamos com cerca de 180 no ano 2000, (somente 15% do total) e várias destas 180 encontram-se já moribundas, faladas por populações diminutas e com poucas chances de resistir ao avanço da língua dominante. (...)

Não só os índios foram vítimas da política linguística dos Estados lusitano e brasileiro: também os imigrantes - chegados principalmente depois de 1850 - e seus descendentes passaram por violenta repressão linguística e cultural.

O Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, marca o ponto alto da repressão às línguas *alóctones*, através do processo que ficou conhecido como “*nacionalização do ensino*” e que pretendeu selar o destino das línguas de imigração no Brasil, especialmente o do alemão e do italiano na região colonial de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foi nesses dois estados, nos quais a estrutura minifundiária e a colonização homogênea de certas regiões garantiram condições adequadas para a reprodução do alemão e do italiano, especialmente, que a repressão linguística, através do conceito jurídico de “*crime idiomático*”, inventado pelo Estado Novo, atingiu sua maior dimensão. (...) Essas línguas perderam sua forma escrita e seu lugar nas cidades, passando seus falantes a usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez mais restritos. (...)

Para a linguística brasileira, da forma como ela está estruturada nas nossas universidades hoje, o estudo da diversidade linguística, isto é, do plurilinguismo, tem um lugar apenas modesto nos esforços de pesquisa. Quando se fala em diversidade linguística muitas vezes se pensa na diversidade interna à própria língua portuguesa, o que decorre, entre outras razões, do predomínio, no país, de uma sociolinguística de cunho laboviano que poderíamos chamar de “*sociolinguística do monolinguismo*”. Menor ainda é a preocupação de contribuir para garantir, às populações que não falam português, seus *direitos linguísticos*, através, por exemplo, de intervenções políticas nos órgãos responsáveis ou na mídia. (...)

A História nos mostra que poderíamos ter sido um país ainda muito mais plurilíngue, não fossem as repetidas investidas do Estado (e das instituições aliadas, ou ainda a omissão de grande parte dos intelectuais) contra a diversidade cultural e linguística. Essa mesma História nos mostra, entretanto, que não fomos apenas um país multicultural e plurilíngue: somos um país pluricultural e multilíngue, não só pela atual diversidade de línguas faladas no território, mas ainda pela grande diversidade interna da língua portuguesa aqui falada, obscurecida por outro preconceito, o de que o português é uma língua sem dialetos. Finalmente, ainda, somos plurilíngues porque estamos presenciando o aparecimento de “*novos bilinguismos*”, desencadeados pelos processos de formação de blocos regionais de países, no nosso caso o Mercosul, que acompanha outras iniciativas como a União Européia e o Tlcan (Nafta). Esses processos desencadeiam novos movimentos migratórios, novos fatos demolinguísticos e novas configurações para o chamado “*bilinguismo por opção*”, isto é, novas orientações para o aprendizado de línguas estrangeiras. É de se esperar que ocasionem ainda novos tipos de *deslocamentos linguísticos*. (...)

Conceber uma identidade entre a “*língua portuguesa*” e a “*nação brasileira*” sempre foi uma forma de excluir importantes grupos étnicos e linguísticos da nacionalidade; ou de querer reduzir estes grupos, no mais das vezes à força, ao formato “*lusobrasileiro*”. Muito mais interessante seria redefinir o *conceito de nacionalidade*, tornando-o plural e aberto à diversidade: seria mais democrático e culturalmente mais enriquecedor, menos violento e discricionário, e permitiria que conseguíssemos nos relacionar de uma forma mais honesta com a nossa própria história: nem tentando camuflar e maquilar o passado, escondendo os horrores das guerras, dos massacres e da escravidão que nos constituíram, nem vendo a história apenas como uma sequência de denúncias a serem feitas.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. *Synergies Brésil* n° 7, 2009, pp. 19-26.

# PROVA ORAL: Informações

A prova oral é uma interação face a face que será aplicada por dois avaliadores.

A prova oral tem duração de 10 minutos, sendo os primeiros para apresentação do examinando e conversa sobre temas de seu interesse pessoal e, no segundo momento, a tarefa oral consiste em uma conversa sobre um texto acadêmico (Texto 1 da Prova Escrita) que será lido pelo estudante minutos antes da prova. O estudante deve comentar o texto e relacioná-lo com outro, de menor extensão, que também lhe será apresentado antes da entrevista. Todos os textos de compreensão e produção da prova estão escritos em língua adicional. O estudante deve chegar com antecedência para realizar a prova oral.

Etapas:

1) **Apresentação pessoal** do examinando (2 a 3 min)

2) **Tarefa** propriamente dita (7 a 8 min):

## Parte A

Os examinandos devem ter a oportunidade de discutir o texto “Língua estrangeira e autoestima” (RAJAGOPALAN, 2003), lido na prova escrita. O que se espera é que demonstre compreensão das ideias do texto e capacidade de expressá-las.

## Parte B

Na segunda parte, espera-se que faça um comentário em que relacione as ideias do texto com a(s) narrativa(s) de aprendizagem 1 e 2.

## ROTEIRO DE PERGUNTAS – PROVA ORAL<sup>1</sup>

### Parte A

1. De acordo com o autor, quando uma língua é considerada “exótica” e quando ela é considerada uma “língua” propriamente dita?
2. O autor afirma que durante muito tempo, o ensino de língua estrangeira foi considerado como um “empreendimento com um objetivo inatingível”. Por quê?
3. Qual é a relação que o autor faz entre **aprendizagem de uma língua estrangeira e autoestima**? OU Segundo o autor, o que faz com que muitos aprendizes de língua estrangeira experimentem uma sensação de inferioridade com relação à sua condição linguística?
4. Segundo o autor, o que faz com que, hoje em dia, as identidades, sejam “suscetíveis à renegociação constante”?
5. Qual é a relação entre **aprendizagem de uma língua estrangeira e identidade**?

### Parte B

1. Qual é a história de aprendizagem contada na narrativa 1? E na narrativa 2?
2. Como você relaciona as narrativas de aprendizagem que você leu de aprendizes de língua estrangeira com as ideias do Texto 1?
3. Como tem sido sua experiência com aprendizagem de LE ao longo da sua vida? Você se identifica (ou não) com as narrativas de aprendizagem que você leu? OU Você já vivenciou algo semelhante ao que leu nas narrativas?
4. Na sua experiência, de que modo a aprendizagem de LE afeta a construção da identidade? Explique.
5. Como está sendo sua experiência com a língua adicional/estrangeira aqui na UNILA?

---

<sup>1</sup> Este roteiro traz sugestões de perguntas e pode ou não ser seguido pelos professores aplicadores da prova oral.

# Prova Oral: Textos para discussão

## Língua estrangeira e autoestima

No contexto do ensino de língua estrangeira, uma das perguntas quase nunca feitas é: “Por que é que os alunos querem aprender uma língua estrangeira?” Não é difícil adivinhar o porquê do tamanho descaso e desinteresse em saber algo que com certeza deveria nortear a elaboração de currículos e conteúdos curriculares (...) O simples fato é que, com raríssimas exceções, sempre se pensou que só pode haver um único motivo para alguém querer aprender uma língua estrangeira: o acesso a um mundo melhor. As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem subir na vida. A língua estrangeira sempre representou prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é admirado como pessoa culta e distinta. Tanto isso é verdade, que a palavra “estrangeira” é comumente reservada para qualificar uma outra língua que conta com mais respeitabilidade que a língua materna de quem fala – por mais incrível que isso pareça à primeira vista! A maior prova disso é que, quando a língua é considerada de menor prestígio, é quase sempre qualificada como “exótica” ou até mesmo como um “dialeto”, e não como uma “língua” propriamente dita. (...) Trata-se, não de uma diferença objetiva, mas de uma diferença dependente de uma escala de valores, (...) de uma distinção com fortes conotações ideológicas. Como vêm chamando nossa atenção autores como Phillipson (1992) e Pennycook (1994, 1998), o ensino de línguas estrangeiras sempre teve uma dimensão fortemente colonialista. (...)

Sempre se fixou uma meta para os esforços didáticos nada mais nada menos que a aquisição de uma competência perfeita, entendendo-se por competência perfeita o domínio que o falante nativo supostamente possui da sua língua. (...) Havia também um corolário da premissa inicial – não explicitado como tal, mas sempre tomado como um pressuposto no campo do ensino de línguas: nenhum falante não nativo jamais pode sonhar em adquirir um domínio perfeito do idioma. Isso naturalmente levou à consequência de que o ensino de língua estrangeira fosse, durante muito tempo, considerado um empreendimento com um objetivo inatingível - não só na prática, como também em princípio. (...)

Não é de se estranhar que o ensino de línguas estrangeiras ainda leve muitos alunos a se sentirem envergonhados da sua própria condição linguística. Pois o lado mais nocivo e macabro da ideologia que norteou, durante muito tempo, os programas de ensino de língua estrangeira é que, como resultado direto de determinadas práticas e posturas adotadas em sala de aula, os alunos menos precavidos se sentiam diminuídos em sua autoestima, passando a experimentar um complexo de inferioridade. A língua estrangeira e a cultura que a sustenta sempre foram apresentadas como superiores às dos discentes.

Felizmente, há sinais de que a situação está começando a sofrer mudanças significativas. Em grande parte, essas mudanças – sem dúvida, ainda tímidas – têm a ver com a percepção de que as línguas naturais não são estanques, mas, pelo contrário, suscetíveis a toda sorte de influência externa. Num mundo globalizado como o de hoje, as línguas estão sofrendo influências mútuas numa escala sem precedentes. As chamadas “línguas francas” do mundo moderno já não são mais línguas cujas trajetórias históricas permaneceram contínuas e sem influências externas ao longo do tempo. São todas elas formas de comunicação que tiveram sua origem no contato efetivo entre povos, processo que continua com maior força nos dias de hoje em razão do encurtamento de tempo e espaço que é a marca registrada do momento histórico em que vivemos. Os chamados “portunhol”, “franglais”, “spanglish” são exemplos concretos da realidade linguística do mundo de hoje. São línguas mistas em contante processo de evolução (...)

A existência das línguas mistas nos dias de hoje corresponde à miscigenação crescente entre povos e culturas no mundo inteiro. (...) Vivemos, na verdade, uma época em que a questão da identidade já não pode ser mais considerada como algo pacífico. As identidades estão cada vez mais sendo percebidas como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante. (...)

‘Uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas. É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de ‘ensino-aprendizagem’ de uma língua ‘estrangeira’ como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa.

Num mundo que serve de palco para o contato, o intercâmbio sem precedentes entre povos, o multilinguismo adquire novas conotações. O cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilíngue. (...) Falar de competência comunicativa em situações de multilinguismo implica rever a própria noção de competência comunicativa. (...) Significa, antes de mais nada, que o verdadeiro propósito do ensino de línguas é formar indivíduos

capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo.

As atividades de línguas de ensino e aprendizagem de línguas 'estrangeiras' fazem parte de um processo muito mais amplo que podemos chamar de redefinição cultural. Nesse processo, não faz o menor sentido falar em termos de perdas e ganhos. Nós simplesmente nos transformamos em outra pessoa. Afinal, é na linguagem e através dela que as nossas personalidades são constantemente submetidas a um processo de reformulação. (...)

O importante em todo esse processo é jamais abrir mão do nosso direito e dever no que tange à nossa 'autoestima'. É preciso dominar a língua estrangeira, fazer com que ela se torne parte da nossa própria personalidade; e jamais permitir que ela nos domine.

In: RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por um linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética, Parábola*, 2003.

---

## NARRATIVA DE APRENDIZAGEM 1

Aprendiz 2 ( cursando 9º período de Letras)

Ao ser indagada a respeito do que adquirir em vários anos de estudo da disciplina Língua Inglesa levei um grande susto. Fui colocando na balança tudo aquilo que vivenciei, porém considerei o resultado não satisfatório.

Sempre fui aluna da rede pública de ensino e meu primeiro contato com a Língua Inglesa ocorreu na 7ª série. As recordações que tenho não são boas, professores grosseiros, alunos estigmatizados, aulas cansativas e repetitivas (verbo to be), falta de originalidade e estímulo.

Sempre gostei muito da Língua Inglesa e das Literaturas Inglesa e Norte-Americana, mas infelizmente não tive sucesso. O meu desenvolvimento nas 4 habilidades (ouvir, ler, escrever e falar) é insuficiente. Eu tenho um enorme bloqueio para o aprendizado da Língua Inglesa. Não consigo guardar o significado das palavras, não consigo pronunciar uma frase sequer em inglês, quando tento parece que me "dá um branco", sinto verdadeiro pânico.

Outro fator que contribuiu para o meu fracasso no aprendizado foi o meu pouco contato com a Língua, a falta de condições financeiras para pagar um curso (privado). Durante o Ensino Fundamental e Médio nunca houve estímulo por parte dos professores, salvo duas exceções. Para exemplificar, no 2º ano do Ensino Médio tive três professores diferentes que não deram continuidade ao trabalho do outro.

O verdadeiro contato com a Língua Inglesa estou tendo agora na faculdade. Sempre me esforcei para aprender o inglês, porém meu esforço não foi suficiente. Sinto-me frustrada nesse momento por me auto-avaliar e ver que praticamente no final do curso de Letras sou uma verdadeira analfabeta da Língua Inglesa, e que não sou capaz de entrar numa sala de aula e ministrar a matéria.

Narrativa coletada por Liliane Sade. [http://www.veramenezes.com/p\\_lili\\_002.htm](http://www.veramenezes.com/p_lili_002.htm)

## NARRATIVA DE APRENDIZAGEM 2

Aprendiz 2 ( cursando último período em Licenciatura Língua Espanhola)

Minha história de aprendizagem da língua espanhola é recente (...) Na minha opinião, o que me ajudou e continua ajudando a assimilar a língua estrangeira são as leituras e a fala pois, só depois que li muito na língua-alvo e que me soltei mais em público, como nas várias apresentações em sala de aula, é que tive melhores resultados.

Já perdi oportunidades de receber nativos em minha casa por vergonha. Arrependo-me dessa oportunidade não aproveitada. Estou aprendendo também que ninguém é perfeito, todos nós temos limitações e que não posso ter medo de falar, pois a única prejudicada nessa história serei eu mesma. Por isso, atualmente falo com menos receio e solto a língua!

Narrativa coletada por Rafaela Oliveira em março/2004. <http://www.veramenezes.com/e003.htm>